

## Demonismo, malícia e malefício — Contribuições à História do imaginário mágico-religioso no Brasil.

*Carlos Roberto Figueiredo Nogueira*  
Departamento de História - FFLCH/USP

Na caracterização do imaginário mágico-religioso do Brasil, o Diabo constitui uma das principais, senão a principal personagem. Paradigma na determinação de comportamentos e atitudes mentais, a sua relação com o obscuro está implícita no espaço que ocupa no universo imaginário e nas manifestações que reproduzem e cristalizam sua identificação como o *obs-ceno* por excelência, em oposição virtual a uma moral divina.

Nossa intenção constitui-se, em primeiro lugar, levantar uma série de proposições e subsequentemente, sistematizar um quadro das categorias de intervenção da personagem no universo mental que preside a constituição de nossa cultura popular, dentro de uma perspectiva fundamentalmente histórica.

Em princípio não estabelecemos uma determinação regional, mas utilizamos toda a documentação disponível, através da tradição oral e da literatura de cordel, que nos permitisse fixar os referenciais e limites da transposição de categorias mentais européias ao nosso contexto de crenças. Este posicionamento nos pareceu o caminho acertado para possibilitar comparações, esclarecer relações ocultas ou no mínimo obscuras, pois malgrado todas as diferenças regionais, a figura e a atuação do Demônio aparecem como uma construção singular específica de adaptação da personagem às relações sócio-econômicas, inscritas no quadro do sistema colonial e em suas determinações posteriores.

Para tanto, estabelecemos uma delimitação conceitual, dentro de estrutura mais flexível daquela calcada pelo discurso teológico, que nos levaria, erroneamente, à conceituação apriorística do Demônio como "*entidade maligna*". Optamos então por conceituá-lo como a *oposição fundamental*,

dialeticamente relacionada com o *ethos* dominante, ao qual se opõe virtualmente, freqüentemente como força de rebeldia. Assim — o Diabo — para aqueles que se opõem ou são reprimidos pela ortodoxia dominante — representa a possibilidade de oposição — a contestação, sublimada à esfera do imaginário.

A entidade maligna — como determinada pela ideologia dominante — perde, dentro desta perspectiva, seu caráter de ameaça, tornando-se o produto de uma consciência possível embrionária e reflexo de uma crise existencial que invade o universo imaginário, onde o “Mal” nem sempre põe em perigo a sobrevivência individual, mas surge como saída possível.

Deste modo, o Diabo em sua caracterização de *grande opositor*, participa de duas esferas de intervenção nitidamente demarcadas (embora muitas vezes confundidas e assemelhadas pelo discurso do poder). Ou seja, o *malefício* — no que possui de *grande maligno* — imagem produzida e cristalizada no Ocidente cristão; e a *malícia* (a qual numa perspectiva de cultura popular se nos configura como a mais importante) fornecendo os meios para burlar e, conseqüentemente, enfrentar o poder.

\* \* \*

A compreensão de como se estrutura a figura do Demônio que é trazida pelo colonizador europeu e as mudanças posteriores impressas em suas atuações pelas especificidades de nosso universo mental, remete ao exame de um processo eminentemente histórico: a gênese e a afirmação do Diabo no Ocidente cristão.

A formação do arquétipo do Demônio, remonta à tradição hebraica, responsável pela gestação do Cristianismo. Este, como religião prevalente à *psique* coletiva ocidental, reuniu, sistematizou e determinou a figura, as atitudes e a esfera de ação de nossa personagem.

A religiosidade hebraica foi a responsável pela construção do arquétipo do *grande inimigo*. Através de sua evolução histórica traduziu na esfera religiosa todo um processo de expansionismo dos povos da Antiguidade Oriental, levando à assimilação dos deuses dos inimigos, a entidades malignas, uma vez que num contexto de divindades de caráter eminentemente nacional, estes *pertenciam* a seus povos e atuavam como seus representantes.

A esse caráter maligno latente, emprestado à divindade estrangeira, a expulsão do invasor agregará uma condição de inferioridade: a de divindade caída, por conseguinte, o *espírito do mal*, convivendo ao lado da ortodoxia dominante.

Com o advento do Cristianismo, chocam-se as tradições, interpenetrando-se e amoldando-se. O espírito do mal, assumindo progressivamente maior precisão e detalhamento, torna-se o repositório de todos os vícios e fonte de todos os erros, que se pretendem extirpar do seio da comunidade cristã,

terminando por estabelecer, em definitivo, o confronto permanente entre o Bem e o Mal, vital para a cristalização da figura do *Maligno* na consciência cristã.

Este processo é marcado por três fases distintas, encontrando sua determinação básica na possibilidade e na eficácia prática, por parte da Igreja, de superpor e homogeneizar uma ortodoxia mental sobre a comunidade que preside.

A princípio, o Cristianismo assumiu duas tendências: uma pacificadora e outra intransigente, coexistindo, em oposição, por longo tempo.

A primeira tendia a aceitar elementos de crenças já incorporadas à cultura clássica e que impregnavam a mentalidade popular, redimensionando-os a uma hagiografia cristã. Ou seja, na busca de se superpor ao universo simbólico da Antiguidade, o Cristianismo entrava em compromissos com as crenças precedentes, assimilando divindades, ritos e festas, já institucionalizadas pela tradição e dotando-as de uma nova roupagem que mal ocultava sua origem pagã (1).

Em oposição, encontramos uma intransigência absoluta, motivada pela propagação das heresias que acompanharam o desenvolvimento do Cristianismo, representativas de um perigo iminente à ortodoxia em vias de definição. Não podendo cancelar da memória as tradições enraizadas do mundo antigo — sob pena de fazer perecer os ritos, as recordações e a fé, que mantinham a organização social das comunidades — o Cristianismo efetuou sua redução à categoria de crenças deformadas e, por extensão, o culto aos demônios. “Aquilo que os gentios sacrificam, eles o sacrificam a demônios, e não a Deus, e eu não quero que tenhais comunhão com demônios” (2).

Assim, do ponto de vista moral, o mundo dividia-se em duas partes, claramente definidas, e virtualmente antagônicas: os que cultivavam o Bem e suas virtudes (os cristãos), e aqueles que cultivavam o Mal e todos os seus vícios. Os servidores de Deus e os servos do Demônio.

Este discurso persistiu enquanto o Paganismo teve força social e, enquanto se pretendeu convencer povos que não conheciam ou resistiam ao Cristianismo e à hegemonia da Igreja. No momento em que, ao nível institucional, a cristianização foi absoluta, retendo a autoridade eclesiástica o poder a seu serviço, o mundo religioso foi rigidamente separado por uma divisão vertical entre crenças superiores e inferiores (estas, por definição, crenças em entidades malignas).

---

(1) — Maury, Alfred, *La magie et l'astrologie* (1860). Paris, 1970, pp. 118-134 e 184-192. Também em Seppilli, Anita, O diabo na literatura e na arte, *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), 8(85): 7-122, 1942, p. 38.

(2) — São Paulo — 1 Cor. 10: 20.

Contra os “deuses-demônios”, a Igreja medieval travou guerra contínua, através da afirmação de sua multiplicidade e onipresença no mundo, cristalizando com funestas conseqüências no seio da comunidade cristã, a crença na ação real e contínua do Diabo em todos os instantes da existência humana: o “*horror diabolicus*”, o diabo presidindo “*full-time*” a vida da comunidade cristã, tornando-se um personagem concreto e familiar.

A afirmação da *boa religiosidade*, através de uma Pedagogia do Medo, consolidou no discurso teológico uma demonologia sistemática, levando os homens a uma trágica dicotomia ao nível mental, a um drama dualista, do qual não se podiam libertar, não podendo pensar no Bem sem pensar no Mal. O Mal precedia o Bem na pedagogia eclesiástica, sendo este, frequentemente, apenas intuído, pela necessária dissipação dos temores do Mal — e da danação eterna. Como afirmava São Tomás: “Seu poder é tão grande que não há na terra nenhuma força com que possa ser comparado” (3).

Através do Diabo e sua intervenção no mundo, impunha-se um rígido código ético— e moral, resultando no transbordamento de suas proposições, submergindo a consciência cristã, justificando-se todos os fatos da vida coletiva pela mediação do *Maligno*.

A modernidade européia é o momento do “triunfo de Satã”. Herdando os conceitos e as imagens modelados pelas consciências medievais, emprestou-lhe uma coerência, um relevo e uma difusão jamais alcançada.

O medo desmesurado e onipresente do Demônio estava associado, na mentalidade popular, à espera do fim do mundo, a virulência de Satã se explicando pela iminência da catástrofe final.

A era das reformas constituiu o momento máximo da Satã, objetivado em obras que se multiplicam em diferentes países com incrível luxo de detalhes e explicações, fundamentando idéias e particularidades que o mental coletivo em crise desenvolveu sobre a personalidade, os poderes e os aspectos do Inimigo da humanidade.

Nesse momento de desestabilização da ortodoxia, a presença do Diabo era dialeticamente necessária para justificar o árduo e ininterrupto esforço missionário, ao mesmo tempo em que a existência de um Satã todo-poderoso servia de substrato ideológico a toda sorte de medidas repressivas e de violências, tornadas em luta contra o Diabo, seus agentes e seus ardis.

O *Grand Catéchisme* de Canisius — obrigatório em diversas regiões — nomeia setenta e sete vezes o nome de Satã e o de Cristo sessenta e três

---

(3) — Santo Tomás de Aquino, *De Potentia, quaest.* 63, citado por Francisco J. Flores Arrouyelo, *El Diablo y los Españoles*, Murcia, 1976, p. 68.

(4), evidência de que o Demônio não é apenas a simbolização do Mal, mas presença e evidência em todos os momentos. A serenidade retraída de Cristo, torna o cenário do mundo mais sinistro, instituindo-se, no imediato da experiência, o *caos demoníaco*.

Assim, a luta religiosa, conferiu ao Diabo o seu estatuto de grandiosidade: o Demônio é o grande rebelde. Em outras palavras, as Reformas conferiram-lhe seu direito de existir em toda a sua potência, em toda a sua majestade.

\* \* \*

Procuramos mostrar nesta breve retrospectiva, a necessidade que a ortodoxia oficial possui de uma entidade maligna, que lhe permite determinar comportamentos divergentes e auxiliar a coletividade no reconhecimento e repúdio dos mesmos: necessidade fundamental de uma coletividade em busca de soluções mentais às suas angústias existenciais.

Os esforços didáticos da Igreja, ao invés de obter a necessária tranquilização e conformação das consciências, dinamizaram a problemática, uma vez que, para a *psique* coletiva, o problema não se resolvia por uma antítese simplista entre o Bem e o Mal, mas sim, no processo dialético de elaboração do imaginário coletivo. Originava-se uma relação ambivalente com o Mal, justapondo ao discurso da ortodoxia, permanências e arquétipos que implicarão no inevitável distanciamento de crenças e comportamentos.

Representando intrinsecamente o Mal para o poder constituído — ao exacerbar as individualidades e dotando os egos de elementos imaginários de superação da existência real — o Demônio, na perspectiva de uma cultura popular, configura para muitos a possibilidade de escape ao controle político social, freqüentemente ameaçando a estrutura de poder constituída, ao retrabalhar a ideologia dominante em função de sua própria existência.

Nesta perspectiva, o demoníaco constitui fator de equilíbrio mental, tranquilizador de angústias ao nível do imaginário, onde o irracional desempenha o papel dominante, arrojando os indivíduos a um mundo ilimitado — sem barreiras ou valores morais que padronizem o comportamento — inserindo-o no espaço entre a existência e o possível.

Assim, abandonando o plano antagonico *religião-heresia*, nitidamente circunstanciado e diferenciado por uma “religião” estatal, as figuras de

---

(4) — Dieffenbach, C., *Der Zauberglaube der XVten Jahrhunderts nach den Katechismen Dr. Martin Luthers und des P. Canisius*, p. 7, citado por Émile Brouette, *La Civilización Cristiana del Siglo XVI ante el problema satánico*, in: *Satán (estudios sobre el adversario de Dios)*, Barcelona, 1975, pp. 139-195, p. 141.

Deus e do Demônio, situam-se no horizonte mais amplo de uma coletividade, onde ao lado da contestação ao nível puramente religioso, coexistem permanências e conteúdos simbólicos, que refletem a maior ou menor adequação à ideologia dominante. Torna-se o Diabo o *tradutor do vivido* — enquanto origem de todo o Mal, secular e espiritual — e *da possibilidade de viver* — enquanto o grande rebelde.

Contudo, o Diabo na mentalidade popular brasileira, despiu-se de grande parte de sua grandiosidade e onipotência do seu ascendente europeu. Tornou-se personagem inserida no cotidiano, um tentador medíocre, uma figura risível e, por diversas vezes, um auxílio na necessidade. Deixemos claro que não perdemos a perspectiva que tais representações do Diabo coexistem na cultura popular européia, particularmente no universo mental ibérico. Caracterização que pode ser entendida como esforço em exorcizar o grande medo que provoca, como figura ameaçadora e onipotente do Anticristo, ameaçando com catástrofe materiais e escatológicas todas as ações e estados do cotidiano da coletividade.

O que nos chamou a atenção, nestas indagações preliminares, foi justamente a ausência ou omissão freqüente da figura do Arquiinimigo, em prol de sua tradução mais familiar. Ou seja, sua necessária encarnação na problemática do viver e do pensar a existência do homem comum, a redução do *maleficio* e a exaltação da *malícia*.

O nosso Diabo teme o homem valente, a personagem que encarna a reação simbólica dos dominados frente a violência das oligarquias dominantes:

“Assim que o diabo ouviu  
Taes palavras eu dizer  
Perguntou a outro diabo  
Aonde vou me esconder?  
Eu disse — espere um pouquinho  
Temos muito o que fazer.

O diabo estremeceu  
A meus pés ajoelhou-se  
Pedi-me dez mil desculpas  
Depois disso confessou-se  
Tanto que outro diabo  
Gritou de fora — danou-se!”(5)

---

(5) — Barros, Leandro Gomes de, *Antologia*, t. III, v. 2, João Pessoa, 1977, p. 240.

O Diabo perde, em terras brasileiras, o seu aspecto aterrador. “Deus é bom, mas o Diabo não é ruim” (Alta Sorocabana — 1941) (6). “O Diabo não é tão feio como se pinta” (7), servindo de referência a comportamentos reais ou imaginários: “Com moleque o Diabo não pode” (Vale do Paraíba) (8) ou no sul de Minas Gerais “Comparado com o Malazarte, o Diabo até que é muito bem comportado”.

Enfim, o nosso Satanás é um agente do Mal desiludido e que com sua própria atribuição — a malícia — pode ser facilmente enganado, singularmente pela mulher: “como o Diabo que entra na cozinha para levar a mulher para o inferno, e esta faz com ele um trato: que só iria se lhe trouxesse água do rio — o Diabo aceitando, recebe uma peneira” (Vale do Paraíba — 1941) (9), ou no folheto de cordel:

“—Não senhor, satanás disse  
vá dizer que vá embora.  
só me chega gente ruim  
eu ando muito caipora  
eu já estou com vontade  
de botar mais da metade  
dos que tem aqui pra fora!”(10).

Acreditamos que três fatores concorrem basicamente para a “mutação tropical” da personagem maligna.

Em primeiro lugar, o próprio desenvolvimento da ortodoxia religiosa em Portugal, onde a ação repressiva teve como objeto o grupo “cristão-novo” e, apenas secundariamente a heresia luterana (que pelo seu caráter de divergência, vinham enfrentar e colocar em risco a ortodoxia dominante), abstendo-se o Santo Ofício de medidas repressivas contra o Demônio e seus agentes.

Aqui no Brasil, corroborando essa hipótese, as bruxas assumem uma imprecisão conceitual, em oposição ao modelo precisamente determinado e calcado na Europa pelos teólogos cristãos.

“As bruxas vêm de Portugal. Vêm em barcos que deixam amarrados no porto.” (Cachoeira — 1940) (11). Mutação das crenças em relação aos agentes do Mal, pela mutação do referencial básico — o Mestre do Mal — o Diabo.

---

(6) — Guimarrães, Ruth, *Os Filhos do Medo*. Rio de Janeiro, 1960.

(7) — *Ibid.*, p. 96.

(8) — *Ibid.*, p. 145.

(9) — *Ibid.*, p. 213.

(10) — Pacheco, José, *A Chegada de Lampeão no Inferno*. Juazeiro, 1973, p. 3.

(11) — Guimarrães, R., *op. cit.*, p. 130.

Aliada a esta imprecisão demonológica, herdada da Metrópole, a grande fusão de culturas, estabelecida pelo processo de colonização desempenha importante papel na configuração da personagem. A justaposição cultural, tomando por base a cultura dominante — a portuguesa — não aboliu as crenças indígenas e africanas, mas reordenou-as formando um vasto quadro sincrético, onde se interpolam e se interpenetram crenças das mais variadas origens.

Estas crenças, em grande parte, responsáveis pela perda dos atributos demoníacos essenciais à sua caracterização européia. “O Diabo não pode adivinhar os pensamentos da gente” (Sul de Minas) (12).

O Demônio era figura ausente entre os indígenas, do mesmo modo que os cultos africanos, que não possuem entidade configuradora de oposição formal entre o Bem e o Mal.

Em contato com estas crenças, o Diabo europeu se diluiu. Embora temido, pois de sua afirmação se encarrega a ortodoxia dominante, tem que concorrer com centenas de aparições, assombrações e visagens que, por sua origem no interior do setor dominado, e mais numeroso, tocam mais de perto a população, desviando sua atenção da grande personagem maligna.

O terceiro fator encontra resposta na ação da Igreja no Brasil que buscou condicionar-se ao meio no esforço da catequese. Nem sempre conseguindo impor uma norma de conduta, as autoridades religiosas, inspiradas na complacência recomendada pelas autoridades papais, para garantir o povoamento do Novo Mundo, contemporizaram com o pecado, enfraquecendo, por conseguinte, as atribuições do grande tentador. “. . . nos princípios muitas coisas se hão de dissimular que castigar, maiormente em terra nova como esta” (13).

Assim o Grande Rebelde, o Arquiniimigo do homem que preenche em terras européias a função de atar os homens a padrões de comportamento supra-determinados — reprimindo os impulsos de liberdade, por sua vinculação explícita ao Mal — dissolve-se em personagem familiar que muitas vezes reparte com o homem as angústias de sua existência.

“Chorando com desadouro  
o diabo disse na hora  
se sei que sou caipora  
tinha poupado o meu couro  
arranjei grande tesouro

---

(12) — *Ibid.*, p. 133.

(13) — Malheiro Dias, Carlos, *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, t. III, Porto, 1923, p. 304.

leveí no fim uma pisa  
e fiquei de bolsa lisa  
insatisfeito na lida  
trabalhei tanto na vida  
e não fiz uma camisa.”(14)

Essa nos parece ser sua principal função em nosso mental coletivo: refletir sentidos, comportamentos e insatisfações oriundos da necessidade de sobrevivência.

Encarnando a base do sistema de exploração, o diabo é *negro*, traduzindo na conceituação pejorativa, o envilecimento da mão-de-obra, da condição de escravo:

“Riachão disse consigo:  
este negro é um danado  
este saiu do inferno  
pelo demônio mandado  
e para enganar-me veio  
em um negro transformado!”(15)

Produto direto de um sistema patriarcal onde a dominação masculina é exclusiva e absoluta, surge o nosso Diabo como paradigma para a desvalorização da figura da mulher. “Burro estrela e mulher treteira o Diabo queira” (16). “O que o Diabo não fizer, fá-lo a mulher” (17), ditos correntes que encontram o seu correspondente no folheto de cordel:

“Porém ela tinha muitos  
por ser bonita demais  
pois toda moça bonita  
sempre tem muito cartaz  
para conquistar, fazendo  
os gostos de Satanás.”(18)

Ao contexto desta dominação, alia-se a imposição ortodoxa, a religião associada ao poder econômico, fazendo brotar a reação popular, que na irreverência, incorpora a ação do clero à ação demoníaca.

---

(14) — *O Satanás trabalhando no Roçado de São Pedro*, p. 9, citado por Fausto Neto, Antonio, *Cordel e a ideologia da punição*. Petrópolis, 1979, pp. 114-115.

(15) — Athayde, João Martins de, *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo*. Juazeiro, 1978, p. 7.

(16) — Guimarães, R., *op. cit.*, p. 93.

(17) — *Ibid.*, p. 96.

(18) — Leite, José Costa, *A Moça que Dançou com Satanaz no Inferno*. Condado, s.d., p. 3.

“Porque aqui teve um frade  
Que o rei damnou-se com elle,  
Ageitou o rei do inferno,  
O rei confiou-se nelle  
O frade fugiu de noite  
E carregou a mãe delle...”(19)

“Às vezes atrás da cruz está o Diabo escondido” (20) ou, unindo o anticlericalismo embrionário ao chauvinismo imposto pela dominação: “O frade e a mulher, duas garras do Diabo”. (21)

No contexto patriarcal, as frustrações eróticas, as angústias de um amor delimitador por imposições ortodoxas e econômicas, descarregam-se no demônio tentador e moralizador — na medida em que patrocinador, *lato-sensu*, do obsceno e ao mesmo tempo seu agente de moralização, encontrando na mulher o seu grande alvo e, nesta, a gênese do pecado:

“O Satanás vive solto  
dando palpite a quem dança  
faz a moça se arrear  
e encostar pança com pança  
esse é seu objetivo  
o sujeito sendo “vivo”  
só dança com moça mansa.  
(...)  
Satanás vive também  
metido na gafieira  
atijando moça quente  
e mulher casada galheira,  
que sempre vive dansando  
e os homens lhe abraçando  
que ela queira ou não queira.”(22)

e em seguida a pune:

“Viu mulher de cabaré  
mostrando as côxas de fora  
o sultien e biquine  
chorando sem ter demora  
dando dentada nas outras  
lamentando toda hora.

---

(19) — Barros, Leandro Gomes de, *op. cit.*, p. 237.

(20) — Guimarães, R., *op. cit.*, p. 92.

(21) — *Ibid.*, p. 95.

(22) — Leite, José Costa, *Satanás na Gafieira*. Condado, s.d., pp. 3-5.

Viu ladrão e cachaceiro  
velhaco e viúva quente  
viu a mãe dele sentada  
amarrada de corrente  
chupando brasas de fogo  
e chorando amargosamente.  
(...)

Viu como lá é tratada  
mulher que chifra o marido  
bebendo azeite quente  
chumbo e ferro derretido  
numa fornalha de fogo  
soltando o maior bramido,” (23)

resgatando com esta atuação, a moral de uma sociedade de prevalência masculina, padronizando o comportamento esperado do sexo dominado, mostrando as conseqüências da violação do código imposto.

No limiar da consciência, figura explícita de rebeldia, o Diabo vem exprimir, no universo imaginário, as tensões sociais e as revoltas reprimidas mantidas em estado latente. Tensões que se agravam, na desintegração das relações paternalistas, em direção ao predomínio de uma exploração tipicamente capitalista, provocando, no universo imaginário, reações simbólicas de ultrapassagem da consciência embrionária opressor-oprimido, Assim, o folheto de cordel coloca no inferno:

“Comerciante que rouba  
no metro, litro ou balança  
está dentro da masmorra  
transpassando numa lança  
trincando o dente e chorando  
sem do céu ter esperança”.(24)

O trabalho incessante não resulta, o dominado em uma punição ideológica identificando-se a Satanás:

“Dizem que o Satanás  
botou um grande roçado  
e danou-se a trabalhar  
que ficou todo suado  
quase morria de fome  
e não tirou resultado”

---

(23) — Leite, José Costa, *op. cit.*, p. 7.

(24) — Cristo Rei, João de, *Exemplo de um rapaz que morreu e tornou.* (s.l.p.), p. 6.

(...)

“Satanás aproveitava  
as chuvas e os serenos  
trabalhava sem parar  
e adubava os terrenos  
trabalhava muito mais  
e lucrava muito menos”.(25)

Enfim, surge o Satanás como defensor, figura moralizadora, farto da presença da exploração das camadas produtoras, e que se insurge contra o aparelho de Estado constituído, apontando ao juiz supremo os verdadeiros responsáveis:

“Agora em 75  
dizem que o Satanás  
está ficando demais  
e foi falar com Jesus  
Rei dos reis e Pai dos pais

(...)

Eu só queria levar  
padre e juiz de direito  
pastor, cabo e comissário  
delegado e prefeito  
candidato vigarista  
eu quero levar de oito.”(26)

É o Diabo em sua caracterização tropical, distante do arquétipo europeu, misto de justiceiro e velhaco, de tentador e poltrão, que faz as vezes de santo — expressão simbólica de um imaginário tumultuado pela angústia da existência — para uma coletividade que espera, com uma esperança que a miséria do viver constantemente nega, a chegada do reino dos céus

---

(25) — *op. cit.*, pp. 1-2.

(26) — Leite, José Costa, *O Satanaz reclamando a Corrupção de Hoje em Dia*. Condado, s/d, pp. 1-3.